

Só quando tiver um superávit, Brasil voltará a pagar os juros da dívida.

O Brasil somente voltará a pagar os juros de sua dívida externa e honrar outros compromissos internacionais quando conseguir gerar superávit para isso. O crescimento do País é inegociável e a meta agora é discutir a dívida externa de maneira mais ampla, com a participação de governos e agências de financiamento internacionais.

Esses pontos foram reafirmados pelo ministro da Fazenda Dílson Funaro, nos encontros que manteve sexta-feira e sábado em Washington com as principais autoridades político-econômicas dos Estados Unidos — junta da Reserva Federal e Departamentos do Tesouro e de Estado — além do Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial (Bird).

“Não posso falar em decisões concretas, porque a intenção agora é informar nossas condições e ouvir todas as nações que mantêm negócios com o Brasil. O meu discurso vai ser o mesmo em todos os países”, disse o ministro, sábado pela manhã, à porta do enorme edifício-sede do Banco Mundial, no centro de Washington, D.C., depois de conversar durante uma hora e 40 minutos com o presidente do Bird, Barber Conable.

Funaro garantiu que todos os seus encontros em Washington haviam sido muito bons e acrescentou: “Todos parecerem concordar com pelo menos dois pontos: a Nação tem que crescer e deve-se respeitar o fato de que o Brasil não negocia o seu desenvolvimento. Agora, para decidir os mecanismos que vamos utilizar para isso, eu ainda preciso ir à Europa, para discutir com todos os nossos parceiros”.

Funaro tomou o café da manhã em Washington com quatro jornalistas econômicos do *Washington Post*, do *Wall Street Journal*, do *Financial Times* e da Agência Reuters. Mais uma vez ele falou sobre o Plano Cruzado, explicou a situação de nossas exportações e também esclareceu que as linhas de curto prazo não foram realmente congeladas.

“Este não é o termo. Não houve nem mesmo interrupção do pagamento de juros nem mudanças nas bases dos Projetos 3 e 4. O que houve foi a exigência concreta de que estas linhas de financiamento permanecessem dentro do circuito do sistema de bancos brasileiros.” O ministro explicou que, com isso, não se corre o risco de um saque “que talvez não volte” e justificou a medida dizendo que ela foi tomada porque se está em um momento de transição.

Funaro deixou Washington às 17 horas de sábado rumo à Europa, onde manterá reuniões em Londres, Paris, Bonn, Berna, Dusseldorf, Zurique e Roma, devendo retornar ao Brasil quinta-feira à noite.

Marielza Augelli, de Washington.